

# Ninguém conhece o segredo do mundo?

## Carta para D. Ge

Apresentação e edição: Valéria de Paula Martins

Masterização: Leobaldo Prado

Arquivo em pdf: Sâmela Marques

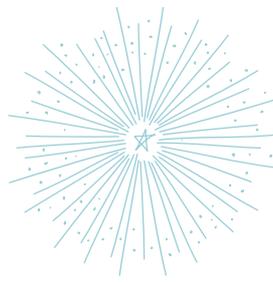
vinheta de abertura

Não sei bem por que esperei esse tempo para gravar um novo episódio.

Talvez um final de ano mais agitado, por causa especialmente das eleições... o recesso da universidade que interrompeu só um pouquinho o semestre letivo - e as aulas recomeçaram já nos primeiros dias de 2023...

Ou talvez, eu estava pensando, uma tentativa de adiamento do fim da primeira temporada do Sensibilidades Antropológicas.

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



É assim o adiamento, de certa forma, de uma espécie de despedida final do meu campo.

Porque de algum modo eu estava sentindo que me restava apenas enviar uma carta sonora aqui no podcast: pra Dona Ge, parteira, benzedeira, e a quem eu conheço desde 2002 a partir do trabalho com uma ONG na região, como eu contei a vocês no segundo episódio.

Mas de fato acho que eu sempre vou ter algo a dizer sobre a experiência de campo no Médio Jequitinhonha, sempre vou lembrar daquelas pessoas, daquelas cantigas, e muitas delas vão continuar na minha vida, como estão até hoje.

Então não é exatamente uma “despedida final”, que é uma ideia que me traz um certo medo, ou tristeza, ou os dois.

É apenas encerrar, com esse décimo quarto episódio, um período em que eu me concentrei em falar mais livremente, e sensivelmente, sobre a minha experiência de campo.



Percebam que essa é uma argumentação voltada especialmente a mim mesma rs. É, eu estou tentando me convencer de que vai ficar tudo bem rs.

Então é isso, hoje teremos uma carta sonora pra Dona Ge.

Eu faço um adendo aqui: depois de escrever esse texto para gravar o episódio, eu percebi que eu preciso fazer mais um rs. Então esse é o penúltimo episódio e vai ter um outro, talvez mais curtinho.

O meu nome é Valéria de Paula Martins, eu sou antropóloga e professora na Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais.

Se você quiser entrar em contato com a gente, comentar algum episódio, compartilhar algo ou trocar ideias, segue lá no Instagram o @sensibilidades.antropologicas

Nosso podcast faz parte da rede kere-kere de podcasts em antropologia, juntamente com outros que discutem temas e questões antropológicas pelas bandas sonoras.

*Sensibilidades Antropológicas*  
*suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia*



música instrumental suave  
volume abaixa enquanto a narração inicia

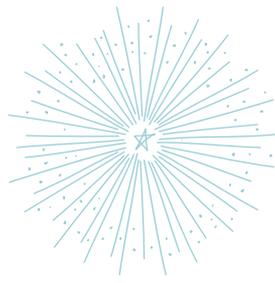
Quero começar dizendo que eu adoro ouvir a voz – ou a fala - da senhora.

Me dá uma calma, uma segurança.

Me traz uma sensação de força, serena, e cheia de sabedoria. Ir pra casa da senhora durante a pesquisa de campo me descansava um pouco. A gente conversava outras coisas e a senhora sempre “me trazia prali”.

É que na pesquisa, a gente, pesquisadora, costuma focalizar o Outro, querer saber do Outro, e a senhora queria saber de mim. Da minha vida, a minha família, das coisas do meu coração.

Talvez isso me descansasse, além da fala da senhora e das nossas risadas, muitas, ao contar nossas histórias, compartilhar as nossas vidas.



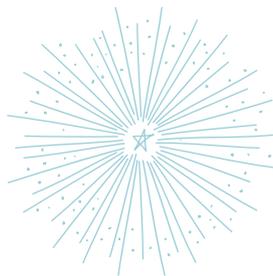
Esse movimento de certa forma se estendia para sua grande, bonita e feminina família. Era com sua filha Li, a Elisângela, hoje minha comadre, que eu saía para tomar uma cervejinha de vez de quando na praça de Jenipapo.

Com Cintia e as crianças, na época, Tata e Erich, com a sua querida filha Orlinda e depois na ausência triste dela, eu me via um pouco como uma irmã mais velha tentando saber se estava tudo bem.

Com Ni, eram as trocas de referência, projetos e conversas em torno do grupo da Consciência Negra.

Vocês deram meu nome, durante meu período de pesquisa, para uma netinha da senhora e mais tarde ela e eu nos escolhemos afilhada e madrinha.

Sem falar nas outras filhas, netas e netos que eu vi crescer.  
É muito tempo, né?



Ao andar com a senhora pelas ruas de Jenipapo, eu sempre me admirei com a quantidade de pessoas a te pedir benção. Gerações trazidas ao mundo pelas mãos da senhora. É a senhora sempre carinhosa, acolhedora e divertida.

Estava pensando agora, acho que a senhora e D. Antonia foram e são um pouco minhas avós, além de amigas. Aconchegando e ao mesmo tempo apontando riscos e caminhos.

“Divino Espírito Santo te cobre com o manto sagrado”, a senhora me diz.

“Deus te olha”.

“Deus abençoa você por toda parte que você andar”.

A senhora sempre me ensinou muita coisa: prudência, astúcia, mansidão, coragem, alegria. Às vezes com a palavra, às vezes com o silêncio, outras com um olhar ou um gesto. E outras vezes, apenas sendo.



Uma vez a senhora me disse que ninguém conhece o segredo do mundo. E aqui eu vou precisar discordar da senhora. Porque a senhora conhece. Ah, a senhora conhece muito do segredo do mundo...

Que Deus te olha, Dona Ge, por toda parte que a senhora andar. E para sempre.

volume da música instrumental aumenta ao final da narração  
vinheta de encerramento